

por Afranio Borges de Freitas



A borboleta passageira

O que não faz uma bela borboleta!

Seis horas da manhã de um domingo aquietado como tantos, caminhei pela rua deserta até o ponto do ônibus. O 104 me levaria à quadra da pensão onde morava no centro da cidade. Trabalhara no turno da noite e saíra da empresa àquela hora.

Esperando o coletivo, deixava correr o tempo vendo as novidades da vitrine de uma loja a poucos metros do ponto de parada. Pardais vagabundos pipiavam na árvore perto. Uma borboleta azul guiada pelo Destino deixou as flores próximas e, zigzagueando bonito, veio pousar no vidro transparente. Observei o jeito dela. Parecia olhar muito interessada os objetos expostos à venda, como uma menina favelada um presépio de

Natal. Também fora contaminada pelo consumismo geral da humana gente?

Avizinhava-se o meu circular. Fiz sinal, o veículo parou. A porta abriu, entrei. O barulho dos freios havia espantado a borboleta, e ela, abruptamente desperta do sonho consumista, agitou-se no ar, por um instante, desorientada e aflita, e, querendo fugir da solidão da rua, tomou uma decisão repentina: aproveitou a porta ainda aberta e entrou célere no coletivo, quase colada a mim.

Ônibus moderno, sem cobrador, passei pela catraca ao lado do motorista, e fui sentar-me no último banco. A borboleta inquieta esvoaçou agitada de um lado para outro e, por fim, pousou incrédula e trêmula no teto.



O rodante partiu quase vazio. Além do motorista, de mim e da borboleta, apenas um cidadão grisalho observava pela janela distraidamente as lojas apressadas fluindo no sentido contrário. Pouco povo nas ruas.

Decerto as pessoas recuperavam, horizontalmente, as baterias gastas nas folgas do sábado. Até o meio-dia, ressonariam bem-aventurados os cidadãos daquela metrópole.

Mais atenção prestei na borboleta. Bela lepidóptera! me recordavam os longínquos bancos escolares. Maravilhosas asas azuis! Seriam azuis seus olhos também?

O ônibus voava pelas avenidas que eram só nossas. Meu pensamento voou longe, longe, várias décadas atrás, à procura de uns olhos azuis sepultados no cantinho mais escondido da memória.

Desde muitos anos era meu costume passar férias num famoso balneário catarinense. Certa vez, na praia, estendido sobre uma esteira, após um mergulho, aquecia-me ao sol, feito um jacaré solitário do Pantanal matogrossense.

Uma bola de borracha me bateu nas pernas. Sentei-me. Linda banhista veio apanhar a bola benfeitora chutada pelo irmãozinho. Descerrou belo sorriso. Sorri também. Trocamos rápidas palavras. Ela voltou para junto dos pais sob uma barraca próxima.

Desde aquele momento não mais olvidei aqueles olhos de turquesa.

O ônibus passou por um buraco do asfalto, sacolejou. Assustada, a borboleta alçou voo. Deu duas voltas, escreveu um oito no ar e veio pousar, tentadora, mais perto de mim. Ao alcance de minhas mãos. Tivesse mãos de mágico a pegaria facilmente. As belas asas azuis pareciam dois leques japoneses abanando vagaro-

samente um rosto invisível. Hipnotizavam-me.

Na praia, também fora imantado por aqueles olhos azuis. A dona deles brincava com o maninho, me olhava e sorria. Eu retribuía o olhar consumindo com vagar e gosto aquele inesperado momento de felicidade.

Os pais, indiferentes a tudo o que ocorria à volta, tagarelavam sobre tudo, como dois adolescentes.

O vento pelas janelas abertas agitava as asas da borboleta. Alheios ao belo quadro que só eu contemplava, o motorista abria a boca num bocejo, e, num canto do ônibus, dormitava o velho.

Em dado momento, os pais deixaram o guarda-sol e foram tomar um banho no mar. Os cabelos dourados da filha ondulavam ao vento da praia.

Aproximei-me da borboleta dourada de olhos azuis. Conversamos alegremente por algum tempo. Apaixonara-me instantaneamente pela encantadora alemãzinha. Disse-me que morava com os pais no interior do Estado. Nas férias, viajavam regularmente para o litoral catarinense.

Os pais voltavam do banho. A pedido dela, regressei depressa ao meu lugar. Pouco depois, a família deixou a praia.

Afastando-se de mim, ela se virava e sorria, caminhava mais um pouco, voltava o rosto e sorria. Mandava-me adeusinhos disfarçados. Até que desapareceu na floresta colorida das barracas e guarda-sóis.

No dia seguinte, pela praia toda a procurei. Inutilmente.

Muito curto foi o nosso bate-papo, não sabia em que hotel estava, impossível localizá-la. Obstinado, voltei a procurá-la na praia por uma quinzena. Esforço em vão.



A borboleta dourada devia ter voltado para a cidadezinha dela. Nos verões seguintes, tornei a procurá-la pelas praias da região. Nunca mais a vi.

Admirando a misteriosa borboleta pousada no encosto do banco dianteiro, sentia-me envolvido por uma doce brisa poética.

Fantaseiei sobre um poema famoso.

Naqueles doces momentos da juventude uma borboleta de olhos azuis surgira no meio do meu caminho. No meio do meu caminho surgira uma borboleta de cabelos dourados. Tão junto a mim, ao alcance dos meus dedos.

Como pude perdê-la?

O idoso puxou a cordinha, o ônibus parou no ponto. O cidadão desceu. A borboleta se alvoroçou toda e saiu também pela porta aberta. O coletivo reiniciou a caminhada. Pelos vidros traseiros, via lá longe a borboleta serpenteando graciosa no ar, me dizendo adeus. O veículo virou uma esquina.

Não mais a vi.

Foi-se a borboleta passageira.

Quão efêmeros os vôos seus em torno de mim! Quão brevemente na minha vida entrara e dela saíra! Por fugazes instantes embelezara os meus olhos, como aqueles olhos azuis da praia catarinense.

Que distantes caminhos estará percorrendo neste momento, neste preciso minuto, aquela borboleta dourada de olhos azuis?

Consolei-me.

Nessas horas, qualquer filosofia de botequim serve de consolo. Toda frustração dói, mas passa. E os anos tinham passado.

Tudo na vida é passageiro.

Neste grande ônibus esférico que no espaço gira sem rumo, somos todos involuntários passageiros. A parada final do percurso só a conhece o Grande Motorista.

Que passageiro não é.

Àquela noite, na cama de uma pensão da cidade grande, distante centenas e centenas de quilômetros das praias catarinenses, tive um sonho em que bailavam ao meu redor uma multidão de borboletas.

Borboletas douradas, borboletas azuis.

Fora viciado em jogo, tacava, logo de manhãzinha, na borboleta, do primeiro ao quinto.

No dia seguinte, ao voltar para casa, encontrei no ônibus o mesmo cidadão idoso, o habitual companheiro de viagem. Ao seu lado, sentei-me, fizemos amizade. Era um professor de faculdade, entomologista.

Perguntei-lhe se observara a lepidóptera do dia anterior.

Respondeu-me sem entusiasmo:

- Ah! sim, aquele era um belo macho da espécie *Morpho cypris*.

Um borboleto ???!!!

Diacho!!!

Aquele Galileu sonolento, sentado ao meu lado, podia olhar a Lua, quantas vezes quisesse, mas, certamente, não veria o luar.

Destruí no nascedouro, sem saber, o Drummond tardio que despontava em mim!

